SinproRio 2026

EM BUSCA DA LIBERDADE NEGADA: DILEMAS DO MAGISTÉRIO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Prof. Dr. Fernando Antonio da Costa Vieira[1]

O modelo de educação construído pela burguesia se traduz por uma educação voltada para a compreensão da ciência, livre das ingerências da religião, pronta a fornecer para o Estado cidadãos conscientes de sua tarefa. Uma educação que buscava sua universalização no ensino básico ao considerar que todos deveriam ter direito a ler e a escrever, mas que, no entanto, diferenciava o ensino técnico, preconizado para as classes populares, do científico, formador de uma elite intelectual portadora dos valores enciclopédicos do saber.

Esse modelo de educação se tornou um instrumento mantenedor de uma concepção de sociedade centrada na exclusão, na alienação e na consolidação da sociedade de classes. As novas dinâmicas capitalistas reforçariam o olhar da educação como mais uma mercadoria vinculada ao processo de reprodução do capital. O capitalismo tudo reifica, tudo transforma, similar a Midas em sua ânsia pelo ouro, o capitalismo desumaniza e redimensiona valores, projetos, utopias, como já afirmou Marx. Para se certificar de que o capitalismo permaneça em contínuo estado de reprodução, a burguesia tudo transformará. Para ela,

> tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as relações com os outros homens[2].

Nesse processo, a educação, no interior da sociedade capitalista, e em especial, no Brasil, tem vivenciado significativa transformação, integrando-se à lógica do mercado e assumindo seu lugar enquanto merca-

[1]IUPERJ/UCAM

[2]MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto comunista**. SP: Boitempo, 1998, p. 43.

doria. A existência dessa mercadoria específica, o conhecimento, implica que os setores mais ricos consumem um produto de maior qualidade, em comparação aos setores menos favorecidos, sem contar aqueles que estarão excluídos do sistema educacional, incapazes que são de participar do mercado como consumidores[3].

Essa educação *shopping center*, que concebe o saber como um objeto que atende ao consumidor, ator individualista que consome o saber como um produto utilitarista a ser consumido considerando o gosto do freguês, sem considerar a possibilidade de partilha e de interlocução dos saberes, é aquela que se apresenta como um instrumento que produz

tanta conformidade ou "consenso" quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados[4].

Contra essa educação alienadora e conservadora devemos pensar um projeto educacional que tenha em mente a tarefa de superar a subordinação do homem ao capital, que desvele o estranhamento imposto aos trabalhadores pelo processo de constituição da reprodução do capital. Uma educação que se proponha a emancipar os homens.

Educar o trabalhador implica não o dissociar do trabalho. Emancipar o homem se traduz numa dupla dimensão: universalizar a educação e o trabalho. Mais além, essa perspectiva implica a superação do processo de reificação dos homens e da própria educação, expressando a capacidade de superação do estranhamento dos homens ante o mundo do capital, construindo novas identidades e atores sociais.

Nesse sentido, o professor se reificou, perdendo sua capacidade de se apresentar como um intelectual, assumindo, numa sociedade pautada pelo consumismo, uma dimensão acrítica e despolitizada, tornando-se não mais um educador com todas as suas significações, mas sim, um "professor espetáculo". O professor se tornou um vendedor, não do seu conhecimento, mas sim de uma mercadoria apresentada como lúdica e atraente ao aluno. A sala de aula deixa de ser um espaço de criticidade,

[3] Conferir: VIEIRA, Fernando Antonio da C. **Educação e neoliberalismo: A agonia do professor**. RJ: REDES, v. 3, n. 8, maio/ago. de 1999.

[4] MESZAROS, Istvan. **A educação para além do capital**. SP: Boitempo, 2005, p. 45.

um espaço dialógico - para retomarmos Paulo Freire - e se transforma num balcão de mercadorias, onde o consumidor, isto é, o aluno, "compra" a mercadoria que melhor se insere na sua necessidade consumista.

Uma sala de aula afastada da crítica e da construção do conhecimento se torna um espaço vulnerável aberto ao avanço das ideias vinculadas aos interesses do mercado e não ao pedagógico. A lógica do mercado trata os alunos enquanto clientes e consumidores, o ensino enquanto objeto / mercadoria e o professor, um mero operário remunerado que cumpre o determinado pela engrenagem econômica. Processo que hoje já não se encontra somente no espaço privado, mas já se incorporou à própria lógica das escolas públicas.

Ao pensar a educação como mera mercadoria oferecida aos clientes, ela passa a se repensar para suplantar a concorrência entre si. Para a escola, em especial a privada, a tarefa central de seu corpo de funcionários – do professor ao porteiro – passa a ser a "fidelização" da clientela, isto é, a permanência do aluno na instituição. O projeto pedagógico se subordina aos mecanismos não pedagógicos que vão explorar o lúdico, o moderno e até o conforto material do aluno, visando garantir a sua permanência na instituição.

A manutenção do aluno na escola ou mesmo na sala de aula passa a ser pensada não pela dinâmica da aula, pelas estratégias pedagógicas adotadas pelo corpo de professores, mas sim pela oferta de mercadorias que passam dos cursos extracurriculares, ao ar condicionado, número de computadores nas salas, distribuição de tabuletas eletrônicas, enfim, mercadorias que encantam o cliente / consumidor.

A busca pela "fidelização" do aluno fortaleceu o processo de despolitização do professor e, na prática, favoreceu seu ingresso nos moldes da sociedade do espetáculo. Não mais um erudito detentor do conhecimento formal. Não mais um intelectual pronto a repensar a sociedade em que vive e, com isso, organizar novos olhares e valores contra-hegemônicos. Na prática, o professor na sociedade do espetáculo é aquele que detém um efetivo domínio sobre um conteúdo. Além disso, transforma sua aula em um "show circense", travestindo-se em personagem histórico ou literário, criando composições musicais com fórmulas físicas ou químicas,

realizando aulas na praia para centenas de alunos e outras atividades similares.

Dessa forma, o "professor-espetáculo" se posiciona de forma descompromissada ante o papel transformador da educação. Individualmente busca conquistar o "cliente", isto é, o aluno, garantindo com sua atuação a fidelização deles. Conquistada essa fidelização, poderá usar seu prestígio pessoal para a obtenção de algumas vantagens financeiras na instituição em que trabalha. Dessa forma, o professor-espetáculo se insere no mercado se assumindo enquanto mera mercadoria de consumo efêmero, num modelo educacional que vive mais das representações do que de sua essência central: o debate sobre o conhecimento.

Além disso, o professor vivencia uma crise de identidade deixando de se ver como um trabalhador, inserido na esfera da produção, e se apresentando como um ente autônomo e diferenciado no mundo do capital. Ora, nada mais equivocado do que essa realidade! Mesmo o professor que não se apega à dimensão do espetáculo, ainda integra o mundo do trabalho no interior da sociedade capitalista, ou seja, produz mais-valia, favorecendo a contínua reprodução do capitalismo.

Marx, não deixou de pensar a inserção do professor enquanto trabalhador integrado às dinâmicas do capitalismo. Em **O Capital**, aponta o papel do trabalhador na produção de mais-valia:

O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital[5].

Nesse contexto, com o inserir o papel do professor? Seria seu trabalho mediado pela materialidade tão visível na produção de um aparelho eletrônico como um telefone celular? Vejamos o que nos diz Marx:

Se for permitido escolher um exemplo fora da esfera da produção material, então um mestre-*escola é um* trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enri-

5 -MARX, Karl. **O Capital**. Vol.1 tomo 2. SP: Abril, 1984, p. 105.

quecer o empresário. O fato de que o último tenha investido seu capital numa fábrica de ensino, em vez de numa fábrica de salsichas, não altera nada na relação[6].

Ao apontar a ligação do professor com o mercado, Marx apresenta os limites da atuação dos educadores. Em última instância, os limites à ação do educador se corporificam na própria sociedade capitalista que vê a educação como um instrumento de reprodução dos valores que ela mesma definiu como essenciais. Por isso mesmo, Marx afirma que a doutrina materialista que pretende que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, e que, consequentemente, homens transformados sejam de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado[7].

Nada mais atual do que tal afirmativa. A educação na sociedade capitalista serve aos interesses do modelo capitalista. Ela reproduz valores centrados na competitividade, na individualidade e na acriticidade. Afinal, como nos apresenta Marx, os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual[8].

No caso brasileiro, em especial, a educação se erigiu sobre um modelo em que mediante processos de inclusão excludente, a educação escolar e não escolar se articula dialeticamente aos processos de exclusão includente existentes no mundo do trabalho, fornecendo ao cliente – o capital – a força de trabalho disciplinada técnica e socialmente, na medida das suas necessidades(...) [9]

Ou seja, a escola no Brasil se construiu não só como instrumento de reprodução espiritual de uma classe dominante, mas também como produtora de uma força de trabalho disciplinada e capacitada às demandas do capital. Não se permitiu que a sociedade brasileira percebesse a educação, mesmo na lógica

[6]Idem, ibidem, p. 106.

[7] MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. SP: Martins Fontes, 1998, p. 100.

[8]MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã vol.1. Lisboa e SP: Editorial Presença / Martins Fontes, s/d, p.56/57.

[9]KUENZER, Acácia. **Exclusão e inclusão excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações de trabalho**.w*ww.pedagogia.seed.pr.gov.br/.../exclusao_**includente**_kenzer.pdf Copiado em 07/07/2011.*

do liberalismo, como um lócus onde seriam ensinados valores que compunham a vida em sociedade, vida que seria marcada pela irrupção da cidadania, que no entanto, exigia emancipação pelas Luzes, pela erradicação do suposto obscurantismo. Reivindicar uma escola única, laica e gratuita, universalizada para todas as crianças de ambos os sexos, significava conferir legitimidade ao prospecto de regeneração e de emancipação inscrito naquele período que presenciava o acelerar da história[10].

Mesmo a percepção defendida por Schiller de uma educação estética dos homens, capacitando-os a um apuramento das sensibilidades, encontra-se subordinada a um fetiche: o de consumir, o de possuir. A capacidade humana de percepção sensível do mundo se encontra vinculada à fruição dessa posse. Marx não deixa dúvidas acerca desse processo:

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é nosso [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim usado.

(...) o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter[11].

Presos a esse mundo fabricado em torno de valores consumistas que demandam a busca constante pela posse, assistimos a erosão de nossa humanidade que vê navegar ao léu a sua própria capacidade de se vincular ao mundo da sensibilidade. A capacidade humana de absorver, fruir a estética, capacidade construída pela educação, no imaginário do romantismo no século XIX, passaria a se ver

reduzida ao impulso único de possuir, isto é, na medida em que a plenitude corpórea de homens e mulheres é reduzida ao simples ato de suprir as suas necessidades elementares, faz sentido afirmar *a ocorrência, nesse nível, de uma ruptura da vida sensível*[12].

[10]BOTO, Carlota. A escola do homem novo. **Entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. SP: Unesp, 1996, p. 16.

[11]MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. SP: Boitempo, 2004, p. 108.

[12]REIS, Ronaldo Rosas. Trabalho e conhecimento estético. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2, n.2 p.227-250, 2004. P. 233.

E qual seria o caminho para que a humanidade se encontrasse emancipada da fruição da posse? Para Marx a alternativa passaria pela suprassunção da propriedade privada é, por conseguinte, a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou olho humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem.

> (...) a carência ou fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera utilidade (Nützlichkeit), na medida em que a utilidade (Nutzen) se tornou utilidade humana[13].

A plena emancipação do homem se encontra na ruptura com a propriedade privada. Esse processo se consolidaria com a revolução que instauraria a plena emancipação humana alcançada na sociedade comunista. Entretanto, essa leitura aponta a impossibilidade de se pensar a educação como um instrumental emancipatório para os homens na moderna sociedade capitalista?

Gramsci crê que uma das tarefas dos revolucionários é a de construir valores contra-hegemônicos que permitam a superação do consenso. Consenso erigido pelo Estado e do qual a escola se apresenta como parte integrante. Por isso Marx afirmava ser o ensino estatal um modelo de ensino controlado pelo governo, portanto, reprodutor dos valores defendidos pelas classes detentores do controle do Estado.

Para Marx seria necessário de forma efetiva uma mudança das condições sociais para criar um sistema de ensino correspondente, e, por outro lado, é necessário ter um correspondente sistema *de ensino para poder mudar as condições sociais*[14].

[13]MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. SP: Boitempo, 2004, p. 109.

[14]Atas do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores de 1869. Citado em MANACORDA, M. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea, 2010, p. 102.

Dentro dessa perspectiva, o professor, ainda que se posicione em favor de uma educação compromissada com a ruptura com o capitalismo, encontra-se preso aos ditames de um trabalho que hipertrofia, limitando os alcances das benesses que poderiam ser criadas pela educação. Se o mundo do trabalho na sociedade capitalista é dimensionado como ato de violência, pois imposto ao trabalhador em toda sua dimensão alienante, a educação também se vê reprimida e posta como um instrumento da alienação dos homens.

A liberdade humana se encontraria quando o trabalho deixasse de ser determinado pela necessidade. Nesse momento, os homens reencontrariam a criatividade que lhe foi alienada pela massificação do trabalho industrial, nesse momento o professor encontraria sua liberdade negada: ensinar sairia da ótica da necessidade imposta pelo mercado e tornar-se-ia uma práxis de reconstrução das sensibilidades que dariam aos homens um conhecimento estético sobre o mundo em que se inserem e sobre a história que produzem.

BIBLIOGRAFIA:

BOTO, Carlota. A escola do homem novo. *Entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. SP: Unesp, 1996.

KUENZER, Acácia. *Exclusão e inclusão excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações de trabalho.*www.pedagogia.seed.pr.gov.br/.../exclusao_includente_kenzer.pdf *Copiado em 07/07/2011.*

MANACORDA, M. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea, 2010.

MARX, K. e ENGELS, F. *Manifesto comunista*. SP: Boitempo, 1998.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã.* SP: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. SP: Boitempo, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã* vol.1, Lisboa e SP: Editorial Presença / Martins Fontes, s/d.

REIS, Ronaldo Rosas. *Trabalho e conhecimento estético*. Trabalho, Educação e Saúde, *v. 2, n.2 p.227-250, 2004*.